

DEPRESSÃO, LUTO E MELANCOLIA¹: UM ESTUDO PRELIMINAR

Tu és nuvem, és mar, esquecimento
És também o que perdeste em um momento
Somos todos os que partiram...
(Jorge Luis Borges)

Algumas notícias veiculadas pela mídia tanto como matéria jornalística quanto na seção de cartas, nos jornais, muitas vezes mostram que a realidade concreta dos seres humanos é permeada por problemas de saúde que, muitas vezes mais do que um médico e um remédio receitado friamente, precisariam de ajuda psicanalítica. Essa ajuda tem seus significados constituídos com base na visão do todo do ser humano e suas relações de afeto. Para que essa ajuda se efetive seria necessária à escuta atenta e sensível, o acompanhamento, o companheirismo, a amizade e a troca com o intuito de compreender e orientar. Uma carta, na seção destinada aos leitores, chamou-nos a atenção: a mesma escreve suas queixas e nos dá pistas de que sua subjetividade está abalada e o quanto essa mesma subjetividade corajosamente e insistentemente estudada por Freud a partir do estudo do inconsciente e da análise dos sonhos, em determinados momentos, se confunde, se apresenta ou ainda, talvez, se manifeste a partir de situações que se estabelecem nas relações sociais e de poder presentes na sociedade.

O conteúdo de uma dessas cartas enviada a um dos jornais da capital gaúcha, a autora, que é professora relata sua experiência e seu estado afetivo.

Ninguém que se diga trabalhador em educação é **considerado respeitado, ouvido** ou lido. A **penúria** em que nos encontramos, sequer é imaginada por quem a desconhece. Uma verdadeira **tristeza**, uma **hostilidade** sem precedentes, uma **desmotivação imensurável**, uma **baixa autoestima** jamais ocorrida, **uma insegurança financeira crítica**, um **nervosismo inédito**, **um nome abalado** pelo serviço de proteção ao crédito, uma **incapacidade de viver condignamente**, um aumento áspero de **doenças cardíacas**, uma despesa com **medicamentos antidepressivos**².

Os dois exemplos trazidos acima nos falam de várias doenças, inclusive da depressão. Na escrita da professora podemos observar que a mesma denuncia várias descondições como: falta de respeito, penúria, nome abalado pelas dívidas, falta de segurança, falta de condições de vida digna. Entre os problemas de saúde podemos observar: doenças cardíacas,

¹ O ensaio de Freud intitulado “Luto e melancolia” compõe a metapsicologia. Outros ensaios são parte da metapsicologia tais como: “o recalque”, “o inconsciente”, “complemento metapsicológico” a “teoria do sonho”, escritos em 1915,

² Jornal O SUL. 19 de maio de 2007, p. 4.

nervosismo, necessidade de medicamentos antidepressivos. Nos estados afetivos aparecem: desmotivação imensurável, baixa autoestima e tristeza.

Esses problemas talvez estejam interligados. Poderíamos dizer que há um fundamento social e um fundamento psicanalítico. Onde esses dois fundamentos se cruzam a ponto de interceptar o desejo, desmotivar, deprimir, produzir tristeza e melancolia é para ser discutido pelos especialistas das várias ciências.

Nosso objetivo com esse trabalho é procurar entender as diferenças e possíveis semelhanças, do ponto de vista da psicanálise, entre depressão, luto e melancolia.

Outra notícia do jornal do sindicato dos professores de São Paulo³ de 1988 traz a seguinte:

A neurose e a depressão - ante salas da loucura clínica - têm afastado, em média, 33 professores, por dia letivo, das salas de aula no estado de São Paulo, segundo dados compilados pela PRODESP. Nos últimos 15 meses deram entrada 8.868 licenças médicas para tratamento de doenças mentais. Em primeiro lugar vem os neuróticos (6.271), depois os que têm dificuldades de ajustamento (807), seguidos pelas vítimas de stress (599) e finalmente, os depressivos (284).

Sabemos que a profissão de professores se constitui em sua maioria por mulheres. Segundo o estudo de Reis et al (2006), mesmo em outras cidades da Europa como Londres foi possível observar que as mulheres apresentam um maior índice de stress do que os homens. Comparado com o stress da população geral o nível de stress dos professores era o dobro. Ressaltam os autores que em outros países o nervosismo é mais frequentemente relatado pelos homens. Sobre o Brasil ressalta que *“há uma maior prevalência de efeitos negativos sobre a saúde psíquica entre as mulheres⁴”*.

Edler (2008) dedica em seu livro ‘luto e melancolia’ um breve estudo sobre os estados depressivos e sua relação com o desejo. Busca também explicar que existem diferenças entre depressão luto e melancolia

Edler (2008, p. 75) entende que o desejo é um conceito chave para a teoria psicanalítica. Freud nomeou o desejo como voto, aspiração. O desejo é aquela chama que ilumina o sujeito em busca de algo que acredita ser uma fonte de realização. Além de iluminar, o desejo é um estímulo ao psiquismo (p. 83). Freud (1900) dizia que nada mais do que um desejo, pode colocar nosso aparelho psíquico em ação. Explica Edler que o desejo está associado ao movimento. O sujeito ergue um projeto e executa o trabalho de realização

³ APEOESP, Associação dos professores estaduais do estado de São Paulo- Jornal APEOESP EM NOTÍCIAS, JUN. 1988, p. 10

⁴REIS et al. Docência e exaustão emocional, 2006, p. 240

de algo que ambiciona. Nas depressões ao contrário. Deparamo-nos com um sujeito que se lamenta da vida e constatamos que está paralisado e distanciado em relação ao desejo.

Os sujeitos imersos no registro do desejo ultrapassam obstáculos com mais facilidade e insiste em direção aquilo que supõe ser sua realização. Mas há, ainda que invisível aos olhos do observador um movimento de renúncia, uma vez que para realizar seu desejo precisa abrir mão de algo, (horas de sono, deixar de lado o lazer) logo o desejo pode não ser confortável, incomoda, traz inquietação e desconforto. Dá trabalho, demora a se realizar, dissolve-se ao ser realizado e cobra um tributo. Põe o sujeito em ação, mas contraria qualquer ideia ligada ao conformismo ou acomodação.

Explica a autora que na clínica psicanalítica, “a entrada de um paciente deprimido nos põe, de imediato, diante da condição de paralisia e estagnação do desejo” (p. 82). As explicações da autora nos levam a supor que pode haver uma relação ou interface entre depressão e melancolia. Ou a cessação do desejo é um denominador comum que pode levar em seus diversos matizes, da depressão leve aos extremos de melancolia.

“A depressão se converte num tempo de paralisação da ação e, também no amor, é um tempo de desinvestimento” (Idem p. 82). Em termos Freudianos a autora nos diz que poderíamos falar em recuo da libido ao eu.

Kehl (2009) critica alguns diagnósticos psiquiátricos de depressão, o uso abusivo, as vezes, de antidepressivos, mas pensa que, apesar desses elementos hoje as pessoas estão “particularmente, sujeitas a deprimir-se. Considera, assim como Colette Soler (2001), inconsistente o conceito de depressão. Considera ainda que o que chamamos de depressão é um quadro mais próximo da clínica das neuroses do que das psicoses. “Quando um psicanalista se refere a uma depressão psicótica ou endógena, é bem provável que se refira a uma melancolia” (p. 15).

Após explicar a estrutura neurótica das depressões, lembra que é importante “não confundir depressão e melancolia” (p. 20). Recomenda não imaginar que a diferença entre uma e outra é de grau, sendo a melancolia uma forma mais grave de depressão. Existem coincidências sintomáticas, mas a depressão é muito diferente da melancolia. Kehl (2009) explica as diferenças de estrutura de uma e outra da seguinte forma:

O depressivo não enfrenta o pai. Sua estratégia é oferecer-se como objeto inofensivo e indefeso, à provocação da mãe. O gozo dessa posição protegida custa ao sujeito o preço da impotência, do abatimento e da inapetência para os desafios que a vida virá

lhe apresentar. Além disso, existe um engodo nesse ato de oferecer-se como indefeso e dependente de proteção do Outro: ao apresentar-se como alheio aos enfrentamentos com o falo, o depressivo não desenvolve recursos para se proteger da ameaça de ser tomado como objeto passivo de satisfação de uma mãe que se compraz com o exercício de sua potência diante da criança fragilizada. Esse lugar, de objeto passivo dos cuidados maternos, não equivale ao lugar do pai como aquele que faz a lei para o desejo da mãe no plano erótico; o depressivo, insisto, é um sujeito castrado (p. 15-16).

Sobre a melancolia explica:

a desesperança no melancólico, por exemplo, tem a ver com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginária (materna) não ter conferido ao recém nascido um lugar em seu desejo. O melancólico ficou preso em um tempo morto, um tempo em que o outro deveria ter comparecido, mas não compareceu... Se o melancólico representa a si mesmo como alguém sem futuro, uma vez que na origem da constituição do sujeito o Outro não esperava nada dele o depressivo recua de todo movimento adiante na tentativa de adiar ao máximo o encontro com o Outro excessivamente voraz (p. 21).

Ao ler a primeira narrativa da professora nos perguntamos: Uma forte depressão ou um luto não se converteria em melancolia? Ao ler o texto de Edler, Khel e Freud as explicações são unânimes em dizer das diferenças. Mas tanto a depressão quanto o luto e a melancolia são três situações que afetam mentalmente e às vezes parecem se confundir uma com a outra

Na introdução do livro de Edler há uma opinião sobre o texto de Freud 'luto e melancolia'. Diz-nos a autora que Freud "ao formular o mecanismo psíquico inerente ao luto e descrever a condição melancólica foi tão abrangente e minucioso que dificilmente poderemos encontrar outra publicação que o supere".

O luto continua Edler, pode ter um aspecto natural enquanto a melancolia é mais complexa e enigmática.

Freud (1996) ressalta que o luto é um afeto normal enquanto a melancolia é uma afecção somática e não psicogênica. Coloca ainda que o material que dispõe independente das impressões acessíveis a todo o observador limita-se a um pequeno número de casos de natureza psicogênica indiscutível.

Luto, em geral é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. Em algumas pessoas as mesmas influências produzem melancolia em vez do luto. Por essa razão Freud suspeita que haja nessas pessoas uma disposição patológica para a melancolia. Mesmo o luto envolvendo graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida,

jamais ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Em geral confiamos que seja superado após certo lapso de tempo e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele (FREUD, 1996, p. 249).

Na melancolia os traços mentais são distintos. Caracterizam-se por desânimo profundamente penoso. É possível observar que o interesse pelo mundo externo cessa e há uma perda da capacidade de amar, a diminuição de toda e qualquer atividade e a diminuição do sentimento de autoestima. O trabalho da melancolia leva o indivíduo a se autopunir, se auto-invilecer culminando com uma expectativa delirante de punição. Luto e melancolia apresentam quase os mesmos traços com exceção da perda da autoestima. No luto a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso a mesma perda de interesse pelo mundo externo - na medida em que este (o mundo externo) não evoca esse alguém (o ser amado).

Sobre Luto e melancolia Freud nos fala da existência de um ‘trabalho do luto’ e um ‘trabalho da melancolia’. Ao estudar o luto usou resultados desse estudo para explicar também a melancolia.

Ao explicar o trabalho do luto Freud (1996, p. 250) diz não parecer forçado apresentá-lo da forma seguinte: “O teste de realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto”. Freud ressalta que é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já lhes acena. Essa posição pode ser tão intensa que dá lugar a um desvio de realidade e um apego ao objeto por meio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas (as ordens) pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada.

Freud (1996) aplica à melancolia o que aprendeu sobre o luto:

num conjunto de casos é evidente que a melancolia pode constituir reação à perda do objeto amado [...] Onde as causas excitantes se mostram diferentes, pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal [...] O objeto talvez não tenha morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor. Sentimo-nos justificados em sustentar que uma perda dessa espécie ocorreu; não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que o

paciente não pode conscientemente receber o que perdeu. Talvez ocorra que mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem a sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda (p. 251).

A inibição e a perda de interesse são plenamente justificadas pelo trabalho do luto. Na melancolia a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante e será, portanto, responsável pela inibição melancólica.

Freud aponta as diferenças existentes entre os dois afetos. “A inibição do melancólico nos aparece enigmática porque não podemos ver o que o está absorvendo tão completamente”. O melancólico apresenta uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto é o mundo que se torna vazio. Na melancolia é o próprio ego. O ego se apresenta como desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível. Ele se reprende e se envilece esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos. O quadro de um delírio de inferioridade é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e - o que é psicologicamente notável - por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar a vida (FREUD, 1996, p. 252).

Freud considera que, do ponto de vista científico seria infrutífero contradizer um paciente que faz acusações contra seu ego. De alguma forma ele deve estar com a razão, pois descreve algo que é como lhe parece ser. Propõe Freud que confirmemos de imediato e sem reservas, algumas de suas declarações. De fato ele se encontra incapaz de amar e realizar tanto quanto afirma. Trata-se do efeito do trabalho interno que lhe consome o ego. Sendo desconhecido pode ser comparado ao luto. Em sua exacerbada autocrítica ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos que tenha chegado bem perto de compreender a si mesmo. Ficamos imaginando tão somente porque um homem precisa adoecer para ter cesso a uma verdade dessa espécie. Nele uma parte do ego se coloca contra a outra. Julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto. No quadro clínico da melancolia, a insatisfação com o ego constitui, por motivos de ordem moral, a característica mais marcante (p. 253).

Freud fala em seu texto sobre luto e melancolia em Consciente e Pré-consciente, bem como da ligação da melancolia com fase anal. Fala ainda do sadismo e tendência ao suicídio.

Explica-nos que a melancolia é uma doença narcísica e que a tendência mais notável da melancolia e a que mais precisa de explicação é sua tendência a se transformar em mania estado este que é o oposto dela em seus sintomas.

No final do texto Freud traz as três precondições da melancolia: a perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego.

Conforme colocamos no título desse trabalho esse é apenas um estudo preliminar. Mas ao ler Freud, Edler e Kehl possivelmente nossa compreensão se aprofundou.

REFERÊNCIAS

EDLER, Sandra. Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.